

Mais*

MAR ADENTRO

Com o aumento do nível dos oceanos provocado pela emissão de gases do efeito estufa, que pode fazer a temperatura da Terra subir até 2°C em 80 anos, praias com menor faixa de areia, como a do Porto e do Farol da Barra, podem desaparecer

BAHIA MEIO AMBIENTE

O mar vai invadir sua praia



* prognósticos indicam o aumento do nível do mar entre 50 centímetros e um metro nas próximas décadas



Praias do Porto e Farol da Barra podem sumir, alerta estudo

Murilo Gitel e Thais Borges
redacao@correio24horas.com.br

Quando o mergulhador Wellington Alves, 37 anos, chegou para dar aulas de futevôlei e de mergulho no Porto da Barra, esta semana, tomou um susto. O mar tinha chegado tão próximo da balastrada que, quando a maré desceu, parte da areia tinha sumido. “O rochedo que fica embaixo da areia ficou à mostra. Na quinta-feira, até comentei que, daqui a alguns anos, não vai ter mais areia”, conta Alves, que vai à praia diariamente, sob sol ou chuva.

O que ele não imaginava é

que o palpite não está tão longe de se tornar realidade. De acordo com estudos do professor da Universidade Federal da Bahia (Ufba) José Maria Landim, doutor em Geologia Marinha, o aumento do nível do mar deve ser de 0,5 a 1 metro nos próximos 80 anos. E essa mudança deve ser sentida, principalmente, nas praias com faixa de terra mais curta e nas áreas mais baixas da cidade. Essas, segundo ele, serão as primeiras a ser engolidas.

A mudança seria capaz de tirar do mapa praias como as do Porto e do Farol da Barra. Além disso, uma imensa área na Cidade Baixa, que abrange bairros como Monte Serrat e Bonfim, também está sob ameaça. “Basta ver que, na maré alta, as ondas já jogam areia ali (na Barra). A tendência é aumentar cada vez mais”, ilustra.

É bem o que Wellington, o

mergulhador, começou a perceber. “Tanto aqui (no Porto) quanto no Farol. Sempre saio do trabalho aqui e vou mergulhar lá. Pelo menos tive o privilégio de conhecer. Infelizmente, as próximas gerações não vão ter”.

BASE TÉCNICA

O alerta do professor Landim tem como base seus estudos da chamada ‘evolução pretérita da zona costeira’, cujo foco é analisar como o nível do mar se comportou no passado e de que forma a zona costeira respondeu a essas variações. “As avenidas Oceânica e Otávio Mangabeira avançaram na faixa de areia, diminuindo a largura das praias, que não terão para onde recuar com o avanço do mar”, observa.

Inclusive, durante o Inverno, na maré cheia, já não há espaço na areia, na praia do Farol,

às margens da Av. Oceânica. Freqüentador do local desde criança, o barraqueiro Erivaldo Pinheiro, 39, diz que, hoje, o mar já chega na balastrada. “Bate na parede. E a gente precisa ficar sempre atento, porque a maré vem de surpresa. Esses dias, um colega perdeu cinco cadeiras para o mar. Cada uma custando R\$ 130”.

Moradora da Liberdade, a pedagoga Meire Cruz, 39, viu a paisagem da praia do Farol mudar nos últimos anos. “Passei minha adolescência aqui vindo todo fim de semana e, hoje, você já vê menos areia. E é uma pena, porque é a melhor, mais aconchegante praia de Salvador. Se eu estiver aqui daqui a 80 anos, só vou pensar: ‘cadê meu cantinho?’”, afirma.

Para a fisioterapeuta Maria da Conceição Sousa, 44, a falta vai ser mais sentida no Porto da Barra. É para lá que ela, mora-

dora da Cidade Nova, costuma ir com a filha e o marido. “Vai ser uma perda grande, porque esse pedaço de terra é ouro. Para a gente, é um paraíso”, lamenta.

ESPAÇO

Conforme o professor Landim, o principal responsável pelo aumento do nível das águas é o aquecimento global decorrente do aumento de gases estufa na atmosfera. Os prognósticos são do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês, e vinculado à Organização das Nações Unidas). A mudança também afetará outras áreas da cidade. “Isto decorrerá, principalmente, por não haver espaço para as praias migrarem no sentido do continente”, diz.

Para Landim, tamanha falta de espaço para a migração das praias é resultado, no caso de

CORREIO SUSTENTABILIDADE

O novo site do CORREIO tem a sessão CORREIO Sustentabilidade, que traz reportagens sobre o tema meio ambiente, desenvolvimento econômico, dentro dos parâmetros estabelecidos pelos objetivos de desenvolvimento sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU).
Acesse www.correio24horas.com.br/sustentabilidade/

POLÊMICA

Lei veta cobrança diferente, mas mulheres ganham menos e pagam mais
>> pág. 12

SAÚDE

Mais de 800 tipos de medicamentos são distribuídos de graça em toda a Bahia
>> pág. 14



ARISSON MARINHO

Salvador, de uma das principais vias de tráfego da cidade (a Av. Otávio Mangabeira), bordejar, tal como uma fortificação, a orla. "Trechos dessa avenida foram construídos até mesmo diretamente sobre a praia, como mostram fotos antigas", cita.

VULNERABILIDADE

A última vez que o nível do mar cresceu em grandes proporções em Salvador foi há 120 mil anos - o aumento foi de seis a oito metros acima do nível atual, como uma reconstrução das áreas inundadas cedida pelo professor Landim ao CORREIO demonstra (veja o mapa). As regiões alagadas na época, segundo ele, são também as mais vulneráveis no caso de uma futura elevação.

O especialista ainda explica que, desde o início da urbanização da cidade, a ocupação em Salvador se concentrou ao

longo da orla. "Não se pode dizer que essas ocupações foram irregulares porque não existiam as preocupações que vivenciamos nos dias atuais".

Existem dois instrumentos legais que definem as faixas de recuo (onde se proíbe construção permanente): terrenos de Marinha - uma faixa de 33 m contados a partir da linha de preamar, que pertence à União; e uma lei estadual de 1989, que estabelece uma faixa de 60 metros, contados a partir também da linha de costa, para possibilitar o livre acesso à praia.

"Como Salvador já é um centro urbano consolidado, não tem muito o que fazer. O estabelecimento de faixas de recuo, entretanto, é a ferramenta de gestão mais eficiente e barata para minimizar os conflitos decorrentes da erosão costeira em regiões ainda não densamente ocupadas", defende.

Esse cenário seria capaz de provocar o fim de praias como as do Porto e do Farol da Barra

José Landim

Professor da Ufba e doutor em Geologia e Geofísica Marinha pela Universidade de Miami

80

anos é o tempo estimado para que a costa da cidade recue

Técnica de engenharia permite 'engordar' as praias

Mas, afinal, há algo que possa ser feito para que as próximas gerações também possam vir a desfrutar das praias invadidas pelo mar? Pois, de acordo com o professor José Maria Landim, da Ufba, há recursos já utilizados em outras cidades do mundo.

"Existem soluções de engenharia, como o 'engordamento' da praia, que consiste em recompor artificialmente uma faixa de areia por meio de aterro hidráulico, utilizando areias dragadas de regiões submersas próximas", aponta o professor.

Embora seja uma das opções que oferecem melhor resultado, uma obra de engordamento não é lá muito barata: uma construção do tipo pode custar até R\$ 50 milhões, em alguns casos. As intervenções já foram realizadas em cidades do Espírito Santo e em Jaboatão dos Guararapes (PE). Normalmente, esse tipo de obra traz areia do alto-mar para a costa - usando uma espécie de draga que, através de uma imensa tubulação, descarrega a areia do mar na costa, aumentando a faixa de terra.

"Mas esta é uma solução efetiva em regiões urbanas onde a praia normalmente oferece uma oportunidade de lazer barata para a maior parte da população", diz Landim, que ainda cita como um exemplo famoso a praia de Copacabana (no Rio), "que foi criada dessa maneira".

Redução da emissão de gases do efeito estufa é esperança

Uma das formas de evitar que o pior aconteça - inclusive, que as praias de Salvador desapareçam - em nível de aquecimento global é pôr em prática as diretrizes do Acordo de Paris, tratado estabelecido em dezembro de 2015, na capital francesa, durante a 21ª Conferência das Nações Unidas sobre o Clima (COP21), na avaliação do climatologista Carlos Nobre.

Na ocasião, líderes de mais de 190 países concordaram em reduzir as emissões de gases do efeito estufa, o que evitaria, segundo estudos do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês), que a temperatura média do planeta subisse mais de 2° C nas próximas décadas.

"Nós não temos opção, a não ser o Acordo de Paris, que tem metas muito ambiciosas de não deixar o planeta aquecer ainda mais. Temos que reduzir drasticamente as emissões. O desafio é gigantesco, mas não podemos nos furtar a cumpri-lo". Outras graves consequências são a escassez de água potável, alimentos e migrações forçadas.

2°C

é o quanto a temperatura da Terra pode subir

BA: erosão marítima reduz litoral em 1 km em 10 anos

Enquanto Salvador pode sofrer com o aumento do nível do mar, praticamente um quarto do litoral baiano (ou seja, cerca de 250 dos mil quilômetros de faixa costeira) sofre com outro problema: a erosão marítima. Nesses locais, de acordo com o professor José Maria Landim, da Ufba, a erosão levou a uma faixa de terra a diminuir até um quilômetro em dez anos.

Cidades como Prado e Mucuri, no Sul da Bahia, decretaram estado de emergência devido à erosão no fim do primeiro semestre. Em dez anos, a área de continente das duas cidades foi reduzida em até 900 metros e 400 metros, respectivamente, de

acordo com o estudo, conduzido por Landim em parceria com os professores Abílio Carlos da Silva Pinto Biltencourt e Junia Kacenenlengen Guimarães, e publicado com exclusividade pelo CORREIO, em junho.

A mudança no litoral baiano é fruto de uma variação natural que ocorre nas áreas onde há desembocaduras fluviais. Landim destaca que a linha de costa se movimenta devido a variações na energia das ondas, suprimento de sedimentos pelos rios e a própria variação do nível do oceano. "Por isso, a subida do nível do mar deverá causar ou exacerbar o fenômeno da erosão costeira em todo o mundo".